

## TRANSFORMAÇÕES NOS CAMPOS DE CAFÉ: UMA ANÁLISE DA IMPLANTAÇÃO DAS FAZENDAS DE CAFÉ NA REGIÃO DE CAMPINAS

*Marcelo Gaudio Augusto<sup>1</sup>*

### Resumo

Este artigo pretende apresentar uma breve análise das transformações ocorridas nas implantações das fazendas de café paulista focando Campinas no final do século XIX. O interesse desta pesquisa se dá nas permanências e mudanças que aconteceram neste período que se mostrou muito marcado pelo enriquecimento, modernização e aburguesamento da população.

Campinas se destaca por apresentar em suas fazendas uma técnica mais aprimorada no cultivo do café e na gestão da produção em relação à pioneira área do Vale do Paraíba. Mas sem perder a característica de também servir como moradia familiar, fenômeno que ocorre nas fazendas do início do século XX na região de Ribeirão Preto, onde temos o início de uma concepção agroindustrial no cultivo. Desta forma, temos a região de Campinas como um interessante local de estudo por se tratar de uma zona de transição entre os velhos campos de cultivo do Vale do Paraíba e o Oeste Paulista.

Além disso, vale destacar que a lógica de modernidade que a cultura do café aprimora, um cotidiano da racionalização dos espaços, incentiva o avanço das melhorias técnicas e tecnológicas que foram aplicadas na composição das implantações e edificações. Estas, por sua vez tiveram um papel importante na contínua busca das novidades agrícolas e construtivas de forma a criar um ciclo de retroalimentação.

### Os campos de café

São Paulo passou por profundas mudanças em meados do século XIX, a técnica ainda não aprimorada da lavoura de café deslocava a cultura cada vez mais para o Oeste em busca de novas terras férteis. Em especial, o período entre 1834 e 1860 apresentou diversas inovações, entre as quais o desenvolvimento de uma propensão empresarial nos cafeicultores. E a cultura do café tem um papel fundamental nessa nova mentalidade que vem se formando, ela é uma das responsáveis em aprimorar o cotidiano de racionalização do processo produtivo, a disciplinarização do espaço do trabalho e da vida privada do trabalhador (Benincasa:2003.p14).

Vladimir Benincasa relaciona a transformação que ocorreu na arquitetura não apenas com as novas influências trazidas pela imigração, mas pela própria “lógica” da modernidade proposta pela economia cafeeira. A mudança ocorreu também no modo de vida, a disciplinarização do tempo e do espaço surgindo no século XIX (Benincasa:2003). Nessa mesma idéia, Nicolau Sevckenko aponta a expansão do café como o advento da modernidade:

A infusão estimulante mais tradicional era o chá, o qual ficou muito mais associado ao desjejum e ao relaxamento pós-atividade, segundo cerimônias morosas, típicas de um mundo pré-industrial e de menor densidade urbana. Já o café é desde cedo associado ao ritmo do trabalho, à vida moderna e à cidade (Sevckenko:1992, p.83).

---

<sup>1</sup> Unicamp. Doutorando em História da Arte.

As primeiras décadas de cultivo do café foram marcadas pelo aprendizado de como lidar com a terra, a precariedade da tecnologia empregada para a exploração do café no Vale do Paraíba vinha sendo feita em terrenos íngremes que estavam sujeitos a erosões, além disso, constatamos o cansaço da terra provocado pela falta de rodízio de culturas. Assim, a chegada de técnicas mais aprimoradas de cultivo na região de Campinas possibilitou esta superar o Vale do Paraíba em produção.

Tanto em relação às formas de cultivo e produtividade dos solos, quanto em termos de tecnologia agregada à produção, percebe-se que a cafeicultura do Vale apresentava uma produtividade muito menor e uma qualidade muito inferior aos níveis que eram conseguidos no “oeste”. Na região de Campinas as plantações de café já acompanhavam as curvas de nível visando diminuir os efeitos das enxurradas, sem contar o fato de que se tratava de uma região menos montanhosa e um tipo de solo mais propício ao cultivo do café (Faleiros:2007, p.95).

Pretendo aqui traçar brevemente o percurso das transformações ocorridas na arquitetura das fazendas como forma de buscar um melhor entendimento do período. Desta forma, temos as origens da tipologia paulista das fazendas de café herdando o legado da estrutura das fazendas de cana e da tradição construtiva mineira. Carlos Lemos estabeleceu uma relação da existência de dois vetores de influência para o início da arquitetura de café paulista, no Vale do Paraíba: de Minas Gerais teriam vindo as casas de meia encosta, respeitando o perfil do terreno e apresentando uma técnica construtiva mista composta por pedras, taipa de mão e de pilão; e Fluminense, com características neoclássicas de simetria, construções em terreno plano e alicerces de pedra que formavam altos porões com paredes feitas de taipa de mão, dobe ou tijolo (Lemos: 1985, p25).

Para o estudo das residências rurais Luís Saia elegeu um modelo clássico que seria a base para uma sede de fazenda monocultura de café: a fazenda Pau d’Alho em São José do Barreiro. “Clássico no sentido de apresentar uma solução na qual já comparecem organizados numa forma-tipo, todos os agenciamentos necessários e suficientes para expressar arquitetonicamente a tese de uma sede de uma fazenda monocultura de café” (Saia: p185). André Argollo acrescenta que não apenas a infraestrutura do açúcar facilitou a implantação do café como “a derrubada da floresta não era, necessariamente, obrigatória para a implantação de um cafezal nessa região, pois havia muita terra limpa e capoeira, após quase um século de exploração de culturas de subsistência e cana-de-açúcar” (Ferrão: 2005, p157). Barateando ainda mais qualquer iniciativa de mudança de matriz econômica. (Fig.1) (Fig.2)

Saia complementa que este seria um partido misto das experiências com cana, mandioca, milho e feijão, reorganizando os edifícios, todos em relação a um novo espaço de trabalho: o terreiro (Saia: p69). A princípio apareceu de forma bem simples, apenas uma terraplanagem em chão de terra batida com uma pequena inclinação para permitir o escoamento da água, no entanto o local que era destinado a secagem do que se tornaria o principal produto da fazenda exigiu transformações. Logo os terreiros de terra batida já não eram mais adequados, pois permitiam a passagem de umidade para o grão. “Por volta de 1860, havia um movimento no sentido de substituir os terreiros de terra batida por superfícies pavimentadas, como resultado, entre outros fatores, da introdução dos despoldadores e do processo de beneficiamento por via úmida.” (Ferrão: 2005, p118)

A implantação das fazendas de Campinas segue o padrão já consagrado no Vale do Paraíba com algumas pequenas irregularidades em seu desenho devido a, geralmente nos casos de propriedades mais

antigas, serem adaptações de engenhos de açúcar. Temos então dois tipos de agenciamentos básicos: com os terreiros organizados entre os edifícios de moradia (sede e senzala ou colônias) e os de trabalho (casa de máquinas), com a sede sempre em destaque no alto do terreno; outro tipo de agenciamento era com o terreiro deslocado do conjunto (Silva: 2006, p97 e Benincasa:2007, p124 e 130). (Fig.3) (Fig.4) (Fig.5) (Fig.6)

Há ainda uma segunda divisão referente aos terreiros, esta mais dependente da topografia do terreno: os de superfície plana e os dispostos em patamares sucessivos construídos com muros de contenção. Dentre os exemplos mostrados acima, temos a Fazenda Jambeiro e a Fazenda Sertão apresentando os terreiros construídos em patamares, enquanto que a Capoeira Grande e a São Joaquim seus terreiros se organizam em um num terreno plano. As quatro fazendas que utilizei como exemplo nos ajudam a entender que a implantação não necessariamente é determinada pelo relevo. Na implantação atentava-se para a importância da insolação do terreno, desta forma, no Vale do Paraíba, dava-se privilégio para instalação dos terreiros e da tulha nas encostas voltadas para o norte, nordeste ou noroeste (Benincasa:2007, p136).

Assim, pode-se colocar como marco de diferenciação entre os engenhos e as fazendas de café a utilização do terreno. Embora nos dois casos as águas fossem essenciais para o funcionamento do maquinário, e assim a implantação seguiria os cursos d'água, nas fazendas de café o elemento organizador da implantação seria o terreiro, tornando essencial a existência de uma vasta área livre para a secagem do produto.

As casas estão dispostas à volta de um grande terreiro que tem a forma de um quadrilátero alongado. Um dos lados é formado pelas senzalas, em seguida às quais vem um engenho de açúcar (...). Do lado oposto é o alojamento do senhor, que só tem um andar (...). Em seguida a esse edifício, há um muro que separa o terreiro do jardim. Celeiro e armazéns formam um dos lados do terreiro, e, em frente está uma parede a qual se apóia, do lado de fora, um alpendre em que se fazem queijos.<sup>2</sup>

O terreiro se afigura, pois, uma criação específica da atividade cafeeira no estilo brasileiro, como reelaboração de propostas já feitas pela arquitetura rural de outros tipos de produção (Saia: p609).

As fazendas do Vale do Paraíba seguiam, em maior ou menor grau, os manuais agrícolas dos séculos XVIII e XIX (Benincasa:2007, pp33-37 e 124). Ferrão utiliza estes mesmos manuais para entender como seria o início da implantação de uma fazenda, onde a sugestão era de construir primeiro o núcleo industrial para depois se preocupar com a habitação.<sup>3</sup> Esta área industrial deveria ser edificada próxima a um curso de água, pois este recurso natural seria responsável por toda a movimentação mecânica do beneficiamento do café. É interessante levantar o ponto ambíguo da relação das fazendas de café com a água, a mesmo tempo que teria de ser evitada para uma melhor qualidade do grão, era responsável por toda a energia motriz.

O terreno em declive também facilitava o bom aproveitamento da água, por gravidade, para o abastecimento dos edifícios e para o processo de beneficiamento dos grãos, além de fornecer energia hidráulica necessária à movimentação de rodas d'água e moinhos de engenho de qualquer espécie (Benincasa:2007, p36).

As fazendas de café possuem especificidades que a diferem de outros tipos de instituições rurais, são equipamentos de uso exclusivo no beneficiamento do café. As adaptações nas fazendas de cana-de-açúcar demandaram grande esforço dos moradores (Benincasa:2003, p14). Além do já citado terreiro, outros dois

<sup>2</sup> Descrição feita por Saint-Hilaire de uma fazenda em Itajuru, Minas Gerais in BENINCASA, Vladimir. 2003. Op.cit.p.31

<sup>3</sup> Recomendação do Barão de Paty do Alferes in FERRÃO, André Munhoz Argollo. Op.cit. p.102 e BENINCASA, Vladimir. 2007. Op.cit. p.36

elementos caracterizavam as fazendas de café: a tulha e a casa de máquinas. O primeiro era o depósito da produção, porém havia diversas recomendações para impermeabilização para proteger os grãos (Ferrão: 2005, p126). Enquanto que a casa de máquinas era responsável pela secagem do café em coco (Ferrão: 2005, p129).

Era comum que os edifícios de armazenamento, as tulhas, ficassem anexos às casas de máquinas (Silva:2006, p36). Havia uma grande variedade de possibilidades de agenciamento destes edifícios em relação à implantação da fazenda, em alguns casos eles ficavam na parte inferior do terreno, abaixo dos terreiros como na fazenda São Pedro e Jambeiro. (Fig.7)

Outras fazendas tinham o café sendo transportado em vagonetes até a casa de maquinas, temos como exemplo a fazenda São Vicente: (Fig.8)

Áurea Pereira da Silva destaca um modelo único em Campinas que é o da fazenda São Quirino. Neste existiam duas tulhas, uma para o café em coco junto aos terreiros, e outra tulha que ficava mais afastada e possuía anexada a casa de máquinas onde ficava o café despoldado (Silva:2006, p36).

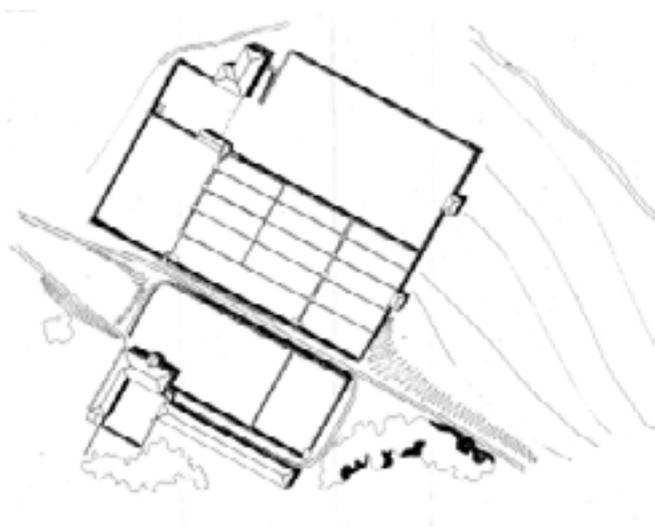
Outros elementos são os pomares e as hortas, quase uma extensão do jardim, tinha como objetivo abastecer a propriedade (Benincasa:2003, p32). Para André Argollo, esse espaço era essencial para a fazenda “em razão da necessidade de baratear e prover qualidade aos alimentos dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, atender às necessidades de usos e costumes europeus.” (Ferrão: 2005, p110). Essa prática possibilitou a diversificação das culturas com a inclusão de diversas plantas exóticas, nesses pomares e hortas conviviam vegetais nativos e estrangeiros. É o que tanto Benincasa, quanto Argollo chamam de autarquias, embora o núcleo central da fazenda consistia em produzir e beneficiar o café, havia toda uma estrutura que à suportava (Benincasa:2007, pp68-70 e Ferrão: 2005, pp172-180).



**Fig.1 – Fazenda Pau d’Alho, São Jose do Barreiro – Desenho de Antonio Luiz Dias de Andrade (Janjão) in <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4034>.**



**Fig.2 – Fazenda Pau d’Alho, São José do Barreiro. In <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4034>. Último acesso 30/08/2012.**



**Fig.3 – Implantação feita em 1978 da Fazenda São Joaquim, Campinas. O desenho apresenta os terreiros organizados entre os edifícios de moradia (sede e senzala ou colônias) e os de trabalho (casa de máquinas) com terreiros se organizados num terreno plano. CONDEPHAAT.**

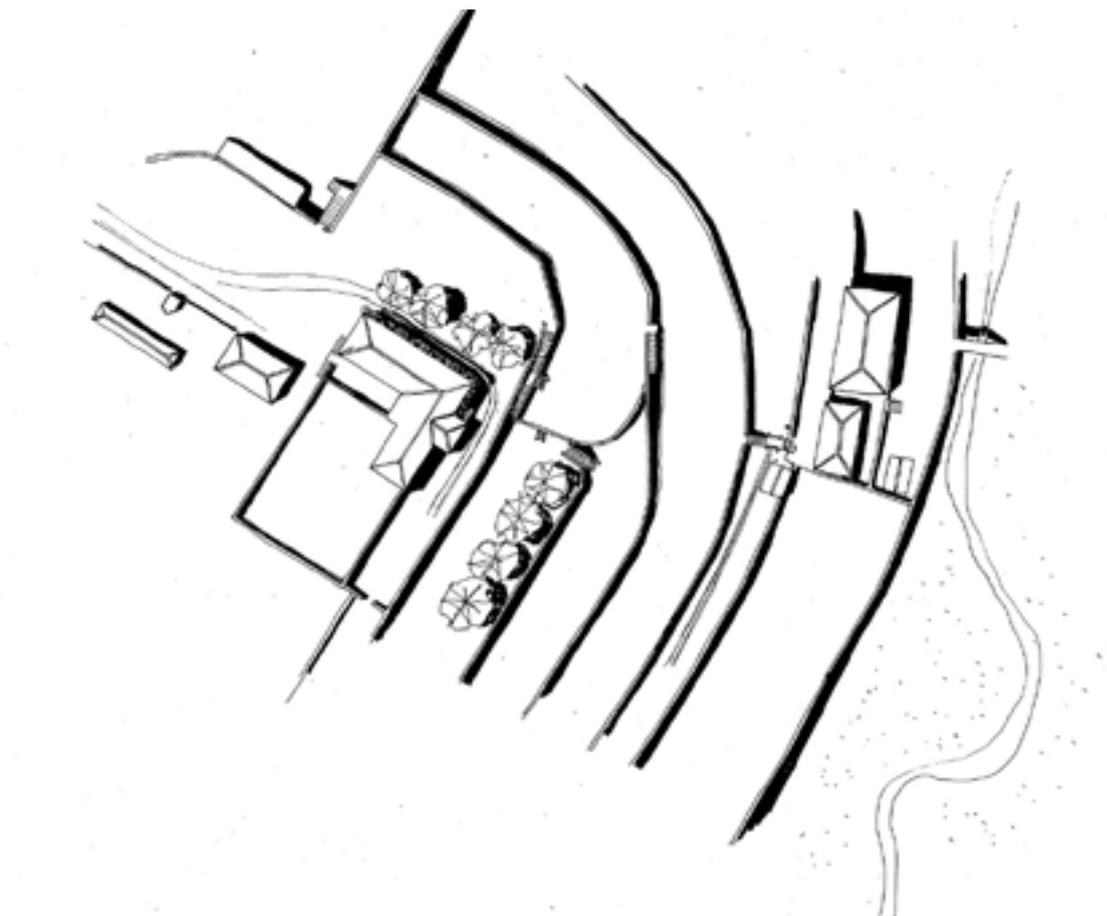


Fig.4 – Implantação feita em 1978 da Fazenda Sertão, Campinas, com os terreiros organizados entre os edifícios de moradia e os de trabalho com terreiros organizados em patamares. CONDEPHAAT.

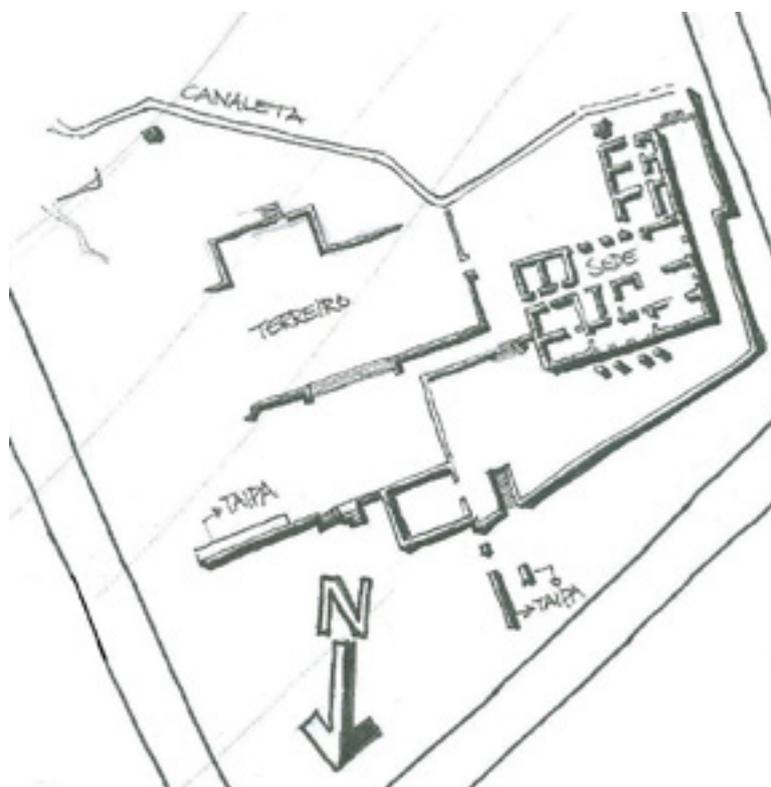


Fig.5 – Implantação feita em 2011 da Fazenda Jambeiro em Campinas, com os terreiros deslocados do conjunto principal com terreiros organizados em patamares. CONDEPHAAT.

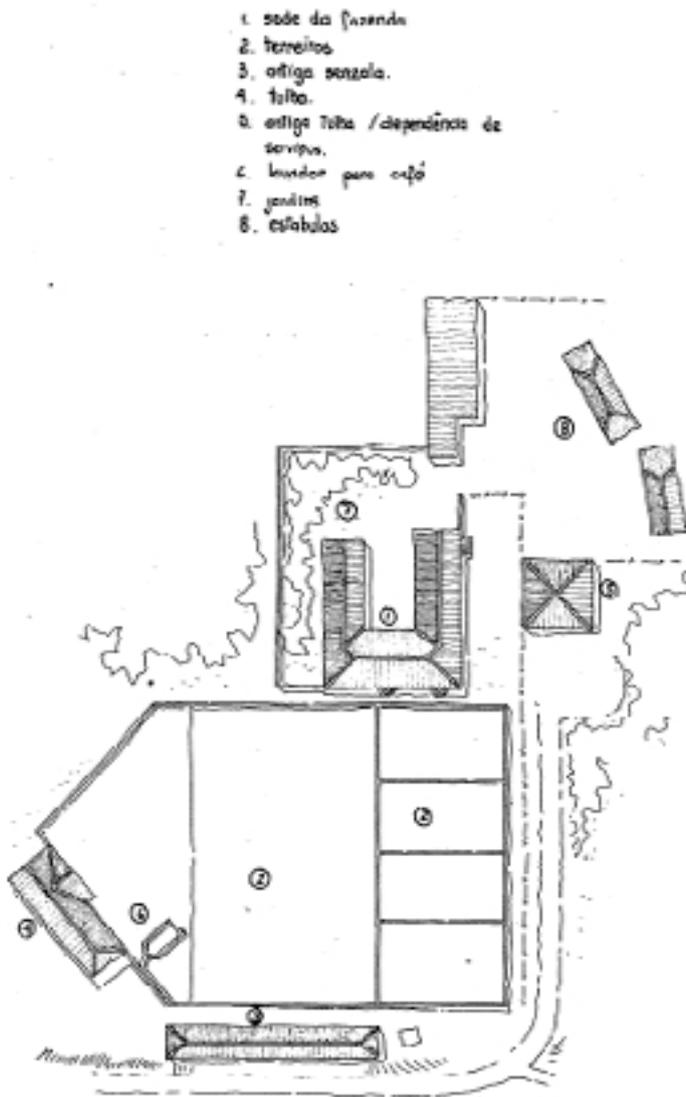


Fig.6 – Implantação feita em 1978 da Fazenda Capoeira Grande em Campinas, com os terreiros deslocados do conjunto principal e os terreiros organizados em terreno plano. CONDEPHAAT.

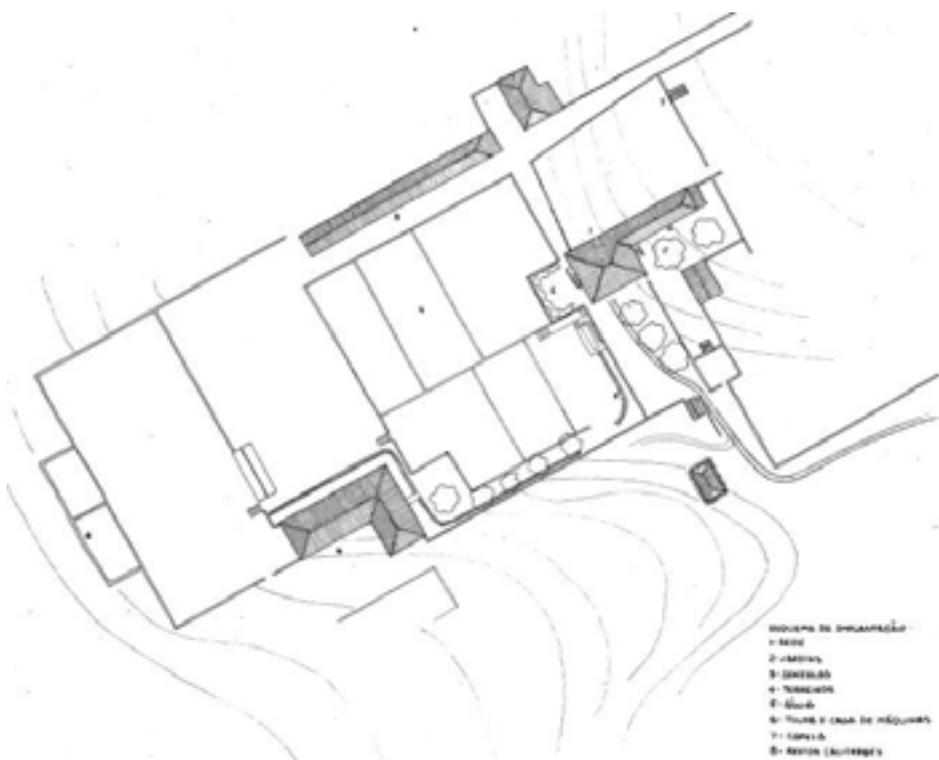


Fig.7 – Implantação feita em 1978 da Fazenda São Pedro em Campinas, com a tulha e casa de máquinas na parte inferior do terreno. CONDEPHAAT.



**Fig.8 – Fazenda São Vicente em Campinas. Foto atual. Detalhe do sistema de trilhos e vagonetes para transporte de grãos dos terreiros para a casa de máquinas. (SILVA; 2006).**

### Referências Bibliográficas

- BENINCASA, Vladimir. **Fazendas Paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro**. EESC/USP. São Carlos. 2007.
- BENINCASA, Vladimir. **Velhas Fazendas: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830 – 1930**. São Carlos. EDUFSCAR. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado. 2003
- FALEIROS, Rogério Naques. **Fronteiras do Café: fazendeiros e “colonos” no interior paulista (1917-1937)**. 2007. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000427876>>. Acesso em: 21 jun 2011.
- FERRÃO, André Munhoz Argollo. **Arquitetura do Café**. Campinas. Unicamp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2005.
- LEMOS, Carlos A. C. **Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café**. São Paulo. EDUSP.1989.
- LEMOS, Carlos. **Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café**. São Paulo: Nobel, 1985
- SAIA, Luis. **Notas Preliminares Sobre a Fazenda Pau D’Alho**. São Paulo. Revista de História n°102. Sem data.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.
- SILVA, Áurea Pereira da. **Engenhos e fazendas de café em Campinas (séc. XVIII - séc. XX)**. Anais do Museu Paulista. São Paulo.N. Sér. v.14. n.1.p. 81-119. jan.- jun. 2006.